

O HOMEM DE DUAS ESPADAS

Carol Beckman *

Bem à minha frente estava um prédio imponente, com duas esculturas em ferro: à direita a Justiça e à esquerda o Direito.

Sentado entre as duas esculturas estava um homem que eu já havia observado anteriormente nas minhas visitas àquela praça no centro de Campinas.

A praça do Fórum, da Justiça e do Direito abrigava desempregados, moradores de rua e bem pouca virtude de dar a cada um aquilo que é seu.

Ao lado da figura justa e honrada podíamos ver um homem diferente dos demais que eu havia conhecido na praça. Um homem sempre distante de todos e dos acontecimentos locais.

Chamado de louco por alguns e marginalizado pelos mesmos homens que foram marginalizados pela sociedade, "seo" Francisco conversava com aquela figura de olhos vendados que segura uma balança devidamente equilibrada, e parecia realmente querer arrancar-lhe a venda para que pudesse ver tudo o que acontecia na praça do Fórum.

Envolto em pequenos furtos, tráfico de drogas, prostituição, sapateiros, crianças e pombos estava este homem que se sentiu livre para me contar sobre os seus "poderes" e suas "digitais".

Como tantos outros moradores de rua, seo Francisco havia perdido tudo o que possuía, ou como ele prefere falar, havia perdido todos os seus poderes.

* Carol Beckman é graduanda em Ciências Sociais no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (Unicamp)

Francisco designava como poder tudo aquilo que era seu, como amor, dinheiro, sexo, pensamento e vida, e acreditava que tudo isso estava retido pelo poder judiciário.

Era ali, atrás da figura que simboliza a jurisprudência, que estavam todas as suas coisas, toda a sua vida. E era com essa figura que ele conversava, brigava e implorava por uma vida mais balanceada, sem sapatos molhados e principalmente com aquilo que uma cigana havia lido em suas mãos. Mãos fortes, de um homem que viera ao mundo para ser poderoso, como ele mesmo diz "o único homem com o desenho de duas espadas em sua mão".

Foi no dia 14 de abril de 2001, e eu pela primeira vez roubei a alma desse homem, retive-a por alguns instantes dentro da minha câmera para mostrar que na praça da senhora Justiça e do senhor Direito homens, mulheres e crianças são desrespeitados, discriminados e colocados cada dia mais à margem do resto da sociedade.

Imobilizei o seo Francisco para mostrar que uma fotografia era mais do que uma lembrança, do que um documento, do que um registro, muito mais do que a imortalização de um momento. Essas fotos são a maneira que eu encontrei para mostrar a vida dessas pessoas pelas quais passamos todos os dias e que fingimos não enxergar; foi a maneira que eu encontrei para falar da falta de justiça na praça da Justiça.

E já que Fernando Pessoa diz que as palavras são falhas quando querem expressar qualquer sentimento, eu decidi abandoná-las para mostrar através dos olhos, das mãos, dos pés, das sombras e quem sabe até da alma - como tentou Babenco em seu filme *Coração Iluminado* - que o poder do ser humano está sendo aprisionado por um poder que se intitula maior; para mostrar que mesmo tendo o céu como teto essas pessoas vivem, sobrevivem - seja o que for -, continuam dando vida ao centro, às cidades e, principalmente, continuam sendo uma prova de que a Justiça está cada vez mais desequilibrada.

